

Ficcionalidade e olhar

[Fictionality and gaze]

José Martinho*

JUNIOR, Nelson Da Silva (2019). *Fernando Pessoa e Freud, Diálogos inquietantes*. São Paulo: Blucher, 332 pp. [ISBN: 9788521213345]¹

Nelson da Silva Junior

Fernando Pessoa e Freud

Diálogos inquietantes



Não sou um crítico, mas um psicanalista. Se aceitei o convite para escrever a resenha crítica deste livro foi porque, assim como Nelson da Silva Junior, escrevo há mais de vinte anos sobre Fernando Pessoa e a psicanálise (MARTINHO, 2001; MARTINHO, 2020); mas também porque o seu texto me oferece um excelente pretexto para esclarecer um pouco mais as relações do psicanalista com a literatura.²

Freud afirmava já que toda a criação tinha algo de misterioso para o psicanalista, e que os escritores e os artistas o precediam normalmente nas descobertas que fazia. Estas afirmações não impediram que se pense muitas vezes que seria mais razoável que os psicanalistas não se ocupassem de arte e literatura, dado que as suas interpretações se fundamentariam numa experiência (clínica) ou num princípio (teórico) exterior ao objeto discriminado. Mas esta ideia ajusta-se pouco ao real, pois não só há sempre um não-dito, como quando se diz ou escreve alguma coisa, exclui-se tudo o resto; mas também porque o objeto escapa sempre ao discurso que o procura enclausurar. Por esta razão, o que se passa com os psicanalistas, passa-se também com Pessoa.

Lembro que, apesar de nunca ter feito uma psicanálise “pessoal”, e de ter lido muito pouco de Freud e dos seus seguidores, Pessoa não se inibiu de criticar o “Freudismo” com oximoros afiados e desafiadores.

É verdade que Fernando Pessoa nunca formulou explicitamente um pedido a um psicanalista semelhante àquele que André Gide fez a Jean Delay, com o objetivo de que o psiquiatra explicasse a sua obra escrita pelo que lhe tinha acontecido na infância e juventude (DELAY, 1956). Porém, ficou para a posteridade a

* Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Antena do Campo Freudiano (ACF-Portugal).

¹ O autor é professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e coordenador, com Christian Dunker e Vladimir Safatle, do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise, da mesma universidade. Este livro surge na sequência da sua tese de doutoramento em Psicologia, na Universidade de Paris VII, em França, sob a orientação de Pierre Fedida.

² “Toda a arte é uma forma de literatura” (PESSOA, 1980: 279).

carta que Fernando Pessoa escreveu a dois psiquiatras franceses solicitando um parecer sobre o seu caso (cf. *Escritos sobre Génio e Loucura*; PESSOA, 2006), os seus inúmeros autodiagnósticos e fragmentos de autoanálise, as confissões e os diários, e sobretudo o desejo de que um Outro pudesse um dia ler o que escreveu. Em especial o que escreveu sobre o que lhe ia na alma, pois “a unica realidade para cada um é a sua propria alma, e o resto – o mundo exterior e os outros – um pesadello inesthetico, como um resultado nos sonhos de uma indigestão do espírito” (PESSOA, 2017: 169). Ficou assim lançado o convite à leitura ou interpretação da sua realidade psíquica.

Contudo, o que fazem os intérpretes “psi” de Fernando Pessoa? Confundem geralmente psicanálise e biografia reflexiva. E dividem-se entre uma leitura que procura explicar a obra pela psicobiografia, a psicologia e a psicopatologia do autor; e uma leitura que diz, por assim dizer, adeus a psicanálise, para se dedicar ao valor literário e intelectual da obra, mas deixando normalmente de lado a sua génese, complexidade e literalidade. A alternativa seria pensar as condições do funcionamento do sujeito como autor, e a forma como a obra se estruturou em função do sintoma como insígnia de uma singularidade. Mas como a singularidade de Pessoa compreende uma pluralidade que ele mesmo reivindicou, o psicanalista é convidado a ler o que chamei o “sintoma dos Pessoa” (MARTINHO, 2001: 65 e seg.). Ou dos 136 autores ficcionais criados por Pessoa entre 1901 e 1929-1930 (PESSOA, [2013] 2016a).

É geralmente aceite que, quando se entra em Pessoa, nunca mais se sai de lá. Só o Grande Arquiteto conheceria o plano originário da obra. Mas como este Arquiteto não existe, ou melhor, é inconsciente, permanece-se num labirinto sem fio de Ariana. Este fio invisível começa a tornar-se legível quando se entende que “a prática da letra converge com o uso do inconsciente” (LACAN, 2001a: 193). Esta convergência não se refere apenas à escrita que realinha as linhas da influência da fala e da voz do Outro (pais, professores, padres, políticos, patrões, etc.) sobre o sujeito, mas também à escrita que desenha novas formas de vida.

O psicanalista presta sobretudo homenagem ao estilo que abre caminho onde não havia caminho, porque o passado e o presente não são suficientes para sair da repetição, mesmo quando certos acontecimentos contribuem para a criação da obra que, não só faz mudar de vida, como a torna mais real.

É o efeito estético da instância da letra no inconsciente sobre o mundo que interessará também a razão após Freud, quando se é sensível a um escritor ímpar como Fernando Pessoa. Ele mesmo o indica no *Fausto*:

Maravilha do inconsciente!
Em sonho, sonhos creei.
E o mundo attonito sente
Como é bello o que lhe dei

(PESSOA, 2018: 87)

Depois destes versos, posso agora centrar-me no que autoriza o psicanalista Nelson da Silva Junior a escrever um livro sobre Pessoa e Freud, mais particularmente, sobre a razão de ser, o ponto de partida, o postulado teórico, a argumentação e a conclusão do seu livro. A “razão deste livro” é expressa pelo autor na introdução: mostrar, a partir da arte, que o sujeito, a linguagem e a realidade são “questões necessariamente abertas” para a psicanálise (p. 14). É esta abertura que leva Nelson da Silva Junior a imaginar uma interlocução não factual entre Fernando Pessoa e Sigmund Freud, para repensar a psicanálise a partir da arte, mas também da filosofia: é a adenda que acrescenta, quando afirma que a sua proposta se aproxima daquela dos filósofos (José Gil, Judith Balso e Alain Badiou) que viram na obra pessoana “um desafio à filosofia” (p. 21).

O ponto de partida da argumentação de Nelson da Silva Junior pode ser encontrado numa sugestão que Fernando Pessoa faz a João Gaspar Simões, na sua carta de 11 de dezembro de 1931: Pessoa aconselha os seguidores de Freud – como era o caso do seu primeiro biógrafo – a abandonarem os “passes hipnóticos” e a estimularem a “argúcia crítica”, para não adotarem os dogmas pseudocientíficos que conduzem aos delírios de interpretação que fomentam as religiões, as seitas e as ideologias políticas. É com esta liberdade de espírito relativa aos freudianos, que Nelson da Silva Junior inicia a sua própria interpretação de um número bastante considerável de textos e obras da cultura ocidental.

Não irei acrescentar aqui a minha interpretação à que Nelson da Silva Junior faz de escritores como Kafka, Musil, Baudelaire, Proust ou Camus, entre muitos outros, ou também de pintores como por exemplo Cézanne e Picasso. Também não falarei da sua “desconstrução” dos modelos da subjetividade, da identidade e da diferença social, nem da “hermenêutica aberta” com que aborda o pensamento “pós-moderno”. Prefiro ir diretamente ao que mais me concerne como psicanalista, a saber, o uso da linguagem e a presença do olhar na “cura pela fala”, de Freud. Mas também na prosa e poesia de Fernando Pessoa.³

O grande postulado teórico do livro de Nelson da Silva Junior é a “precedência do Logos sobre o Ser”. Noutros termos: a precedência da linguagem sobre o ser falante e tudo o que imagina que o real é; não só o real que delira, sonha e fantasia, como aquele que vai descrevendo, explicando e compreendendo. É deste postulado fundamental que Nelson da Silva Junior deduz a “ficcionalidade”, termo que foi buscar à filósofa francesa Barbara Cassin, mais precisamente ao que esta escreveu sobre o “efeito sofístico” do ensino de Lacan (p. 21, 294 e seg., CASSIN, 1995; CASSIN, 2012).

³ A “ficcionalidade” é introduzida por Nelson da Silva Junior logo no início do seu livro. A presença do olhar na arte e na psicanálise é sobretudo tratada a partir do capítulo 6, intitulado “o abismo do olhar: a perspectiva em Odilon Moraes e a abertura da situação analítica” (cf. p. 195 e seg.).

Como a leitura que Nelson da Silva Junior faz de Jacques Lacan atravessa todo o seu livro, é legítimo dizer que a “ficcionalidade” é um significante da falta no Outro, enquanto lugar do código e da verdade. Esta falta implica que não há Outro do Outro, ou metalinguagem, logo que a verdade tem uma estrutura de ficção. Dito de outra maneira, há uma continuidade topológica entre o mito e a realidade, ou entre esta e a ficção, por conseguinte, aquilo que se costuma chamar “vida” e “obra”, são dois tipos de fábulas ou de narrativas.

A incompletude da estrutura da linguagem foi o primeiro passo dado por Lacan para o que virá a formular no aforismo – que Nelson da Silva Junior cita no final do seu livro (cf. p. 312) – de a “língua como integral dos equívocos que a sua história aí deixou persistir” (LACAN, 2001c: 490). Encontramos aqui uma das pontes da passagem do “inconsciente estruturado como uma linguagem”, para “alíngua” (*lalangue*) do “inconsciente real” (LACAN, 2001d: 571). Dado que o equívoco que parasita as línguas vivas reforça o mistério do inconsciente, Nelson da Silva Junior é igualmente levado a conceber a “ficcionalidade” como um “sintoma” (p. 22, entre outras).

“Perante a realidade da vida”, escreve Pessoa, “soam pallidas todas as ficções da literatura e da arte” (PESSOA, 2017: 449). Esta afirmação indica suficientemente bem que a ficção não é apenas sublimação, já que o real habita a ficcionalidade como sintoma. A ficcionalidade como sintoma concerne igualmente à “arte de interpretar” de Freud, e à “estética do artifício” de Pessoa. Nos dois casos, trata-se de práticas da letra, falada e escrita, que convergem com o uso do inconsciente, e provocam “mal-estar” e “desassossego” na civilização, duas palavras que também podem designar o sintoma. Como o sintoma se forma na relação ao Outro, tem sempre algo de social. Neste capítulo, certos escritores mostram melhor do que outros que é possível lidar mais saudavelmente com o sintoma que atrapalha a vida, quando se consegue explorar os efeitos de criação e até de promoção (fama e dinheiro, por exemplo) do sintoma, para lá do sofrimento que traz.

Finnegans Wake, por exemplo, não é apenas o admirável mundo novo criado para compensar um exilado da Irlanda dominada pela Inglaterra e a religião católica; ou um novo Ulisses, que fugiu dos bares de Dublin onde os bêbados como o seu pai diluíam em copos cheios de álcool o “espírito incriado” da raça. Para o psicanalista, o grande interesse de *Finnegans Wake*, é de mostrar a solução que a *psychic disability* do jovem artista inventou contra o *common sense*, incitando-o a separar-se da língua inglesa, vociferando ou fazendo ressoar o seu grito nos mais diversos idiomas, sem nunca cessar de escrever na novilíngua que criava com as escórias das línguas do Outro, o “Finneganês” (*Finneganian*), como lhe chamou Umberto Eco (1966).

Quando concluiu que Joyce foi salvo da loucura pelos dejetos fónicos e pela sucata da letra, e não pelo que os psiquiatras e os psicólogos receitam aos psicóticos, Lacan quis reconhecer o valor do escritor para os psicanalistas, rebatizando-o de *Joyce le Symptôme*, e dedicando-lhe todo um Seminário (LACAN, 2001b: 565; LACAN,

2005). Nelson da Silva Junior também cita Lacan a propósito desta maneira singular de tratar o sintoma (p. 20). Mas não foi pela via da *Joy* de Joyce, nem pela dos ditos espirituosos e do humor de Pessoa, mas antes pelo lado mais sinistro do sintoma que preferiu abordar o problema. Pelo lado do *sinistro*, o termo com que se traduz geralmente em castelhano *Das Unheimliche*, título do ensaio que Freud publicou em 1919, onde começa a anotar certos dados da clínica e da estética que associará, ainda nesse mesmo ano, à estranha e ao mesmo tempo familiar forma de vida, a que chamará a “pulsão de morte”. A pulsão de morte não é a morte, mas o gozo que Freud deteta para Além do princípio do prazer e da realidade.

O olhar tem um papel crucial nesta experiência do Além. Convém dizer que o olhar não é o olho do sujeito, nem se pode ver como tal no campo do visível. Mas a invisibilidade do olhar não impede que penetre em cada um, até ao que Freud chamou *Kern unseres wessen*, o “coração do ser”. Isto acontece quando o olhar rompe a rede da representação do mundo, e faz desmoronar a personalidade psíquica. O desfasamento da imagem do corpo próprio derivado desta perturbação da ordem simbólica, pode dar então origem à alucinação do duplo, como emerge na vida e na obra literária, caso de o *Homem de areia*, de Hoffmann.

Toda a escopofilia gira em torno do olhar, como primeiro objeto que a criança que ainda não fala procura sem sossego no estranho semelhante que vê falar. O olhar do Outro cativa e captura desde o início, mas também angústia, porque o Outro tem um poder de vida e de morte, pode amparar ou desamparar, humanizar ou excluir da humanidade. Isto faz com que o olhar seja um dos objetos privilegiados que o sintoma procura prender no seu laço, de modo menos sinistro ou mais satisfatório. Daí também que, para encontrar a melhor solução que o sintoma propõe sob transferência, o psicanalista tenha pontualmente de encarnar o ponto cego do olho do analisando.

Como tenho vindo a mostrar nos meus escritos sobre o tema, o facto de Fernando Pessoa nunca ter levado os poderes da palavra até à sua própria psicanálise, acrescido da sua virulenta crítica do “Freudismo”, contribuiu para que o olhar continuasse a dominar a sua vida e obra. A omnipresença do olhar perturbou muitas vezes a sua “vida sexual”, mas elevou também às mais altas esferas a poesia do heterónimo dominante, aquele que diz “sou do tamanho do que vejo” (PESSOA, 2016b: 40), Alberto Caeiro, onde é a acuidade do olhar sem metafísica, e não o medo de existir ou o mau-olhado da inveja, que aí ocupa efetivamente o lugar do Mestre.

Eis o que encontrei entre as linhas destes “diálogos inquietantes” de Fernando Pessoa com Freud.

Bibliografia

- CASSIN, Barbara. (2012). *Jacques, le sophiste*. Paris : Epel.
- _____ (1995). *L'effet sophistique*. Paris : Gallimard
- DELAY, Jean (1956). *La Jeunesse D'André Gide*. Paris : Gallimard.
- ECO, Umberto. (1966). *Le Poetische di Joyce. Dalla Summa al Finnegans Wake*. Milano: Bompiani.
- LACAN, Jacques (2005). *Le Séminaire livre XXIII. Le Sinthome*. Texte établit par Jacques-Alain Miller. Paris : Seuil.
- _____ (2001a). "Hommage fait à Margueritte Duras, du ravissement de Lol V. Stein". *Autres écrits*. Paris : Seuil, pp. 191-197.
- _____ (2001b). "Joyce le Symptôme". *Autres écrits*. Paris : Seuil, pp. 565-570.
- _____ (2001c). "L'Étourdit". *Autres écrits*. Paris : Seuil, pp. 449-495.
- _____ (2001d). "Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI". *Autres écrits*. Paris : Seuil, pp. 571-573.
- MARTINHO, José (2020). "Não há sossego". *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 18 (número especial: *Originalidade e Cosmopolitismo: a literatura mundial na obra e a partir da obra de Fernando Pessoa*; editora convidada: Corinne Fournier Kiss), Outono, pp. 34-65. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/xsdb-sg77>
- _____ (2001). *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- PESSOA, Fernando (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____ (2017). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. 3.ª ed.
- _____ (2016a). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china. 2.ª ed.
- _____ (2016b). *Obra completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____ (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2 vols.
- _____ (1980). *Textos de escrita e intervenção*. Lisboa: Ática.

JOSÉ MARTINHO é psicanalista. Membro da Associação Mundial de Psicanálise e da New Lacanian School, fundou e preside atualmente a Antena do Campo Freudiano – Portugal. Doutorado em Filosofia pela Sorbonne e em Psicologia pela Universidade de Rennes, lecionou durante a sua longa estadia em França na Universidade de Paris XII e de Paris VIII, nomeadamente no Departamento de Psicanálise de Vincennes, em Saint-Denis, fundado por Jacques Lacan e dirigido por Jacques-Alain Miller. Durante mais de vinte anos, foi investigador e professor catedrático da Faculdade de Psicologia da ULHT, em Lisboa, e Diretor do Centro de Estudos de Psicanálise, reconhecido pela FCT. Tem vindo a ser convidado para proferir conferências em vários países. Escreveu inúmeros textos para revistas e jornais, como o semanário *Expresso*, de que foi durante vários anos colaborador regular. É diretor da *Desassossegos*. Entre os vários artigos e livros publicados em Portugal e no estrangeiro, destacamos aqui o seu *Pessoa e a Psicanálise* (Almedina, 2001). E-mail: jomartinho@yahoo.com

JOSÉ MARTINHO is a psychoanalyst. He is a member of the World Association of Psychoanalysts and of the New Lacanian School, and he founded and currently presides over the Antena do Campo Freudiano – Portugal. Martinho holds a PhD in Philosophy from the Sorbonne and in Psychology from the University of Rennes. During his long stay in France, he was a professor at the University of Paris XII and of Paris VIII, namely in the Department of Psychoanalysis of Vincennes, Saint-Denis, founded by Jacques Lacan and directed by Jacques-Alain Miller. For over twenty years, he was a researcher and a full professor at the Faculty of Psychology of the Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, in Lisbon, and the Director of the Center of Psychoanalysis Studies, recognized by FCT. He has been invited to lecture in conferences in several countries. He wrote numerous texts for journals and newspapers, as the weekly newspaper *Expresso*, of which he was a regular collaborator for several years. He is the Editor-in-Chief of *Desassossegos*. Among the several articles and books published in Portugal and abroad, we highlight here *Pessoa e a Psicanálise* (Almedina, 2001). E-mail: jomartinho@yahoo.com